

Missões em Avaré

Por Lou H. Mello

A viagem de Ida – Primeiro Ato

Pontualmente à 01:50 pm, estava na plataforma 04 da Grande Estação Rodoviária de Sorocaba, o que não adiantou muito, já que o ônibus da Santa Edwirges estacionou às 02:40 pm. Depois de ter minha passagem picotada pelo motorista, um senhor alto e mal encarado, subi no coletivo e dirigi-me à poltrona 35, a mim destinada. Nela havia um crioulo enorme, tendo a seu lado uma dama crioula gorducha que supus fosse sua companheira. De qualquer jeito olhei firme para o homem, que sentado era da minha altura, e falei olhando em seus olhos:

- “O senhor está ocupando o meu lugar.”

Sem perder a calma, ele abriu a boca, ocasião em que percebi a falta de todos os seus dentes frontais, e me disse com tranqüilidade:

- “Aqui na Santa Edwirges não tem essa de lugar reservado, a gente senta onde acha lugar.”

Por razões óbvias, achei melhor não esticar o assunto. Olhei em volta à procura de outro lugar e percebi haverem dois. Um no meio do ônibus do lado esquerdo, onde uma senhora enorme de gorda estava ocupando o assento junto à janela e outro lá na frente à direita. Sem titubear, segui em direção a essa última opção, ao me aproximar notei que o cavalheiro, sentado no assento junto à janela, estava dormindo e ocupava os dois assentos do banco. Pela cor do vômito, no chão e em suas roupas, percebi que ele ingerira grande porção de vinho barato. Então, cabisbaixo retornei ao assento ao lado de D. Elisabeth.

Eu estou pesando 110 kgs, e engordando. D. Elisabeth devia pesar uns 160 kgs, mais ou menos e estava fazendo um lanchinho, naquele momento. Pelo aspecto e aroma, era sanduíche de mortadela. Com grande esforço sentei ao lado dela. Embora o apoio para o braço estivesse delimitando os dois lugares, o ante-braço da D. Elisabeth estava ocupando uns 30 cms do meu espaço, sobre o apoio braçal. Cumprimentei a obesa anciã com um efusivo “Boa tarde” que ela não respondeu e continuei a manobra de sentar, ao fazê-lo, por algum motivo desconhecido, fui afundando até ficar com meus olhos abaixo do ombro de D. Elisabeth.

Com isso, fiquei sem qualquer visão da paisagem ao meu lado esquerdo, exceto a montanha de banha da distinta “lady”. Imediatamente, olhei para as janelas do lado direito e me dei conta que todas tinham as cortinas fechadas, por duas razões: 1) o sol devia estar batendo daquele lado e 2) os ocupantes daqueles assentos estavam dormindo. Não sei o que acontece com as pessoas que viajam de ônibus, não importa o dia ou a hora, elas dormem. Com isso, a conclusão não podia ser outra: estava impedido de apreciar a paisagem de vales, rios e montanhas, ao longo da viagem. A temperatura

dentro do ônibus devia estar na casa dos 35° e ao lado de D. Elisabeth parecia estar além dos 40°.

A Viagem de Ida – Segundo Ato

Nesse instante, o ônibus da Santa Edwirges iniciou a operação de partida. Os primeiros vinte ou trinta minutos correram razoavelmente bem. D. Elisabeth terminou o lanchinho dela deixando cair ao chão o saquinho de supermercado que embrulhava o sanduíche. Tomou uma garrafa de água em um gole só e tome garrafa no chão. Percebi haver muitos outros detritos além desse, ali. Então sorri para ela e perguntei:

- Então. D. Elisabeth, a senhora está indo para Avaré?
- Não. Eu não me chamo Elisabeth, meu nome é Matilde.
- Verdade? Eu juraria que seu nome era Elisabeth. A senhora tem cara de Elisabeth.

Ela não disse nada, mas me fuzilou com um olhar terrível. Fiz que não percebi e continuei:

- Estou indo para Avaré. Amanhã farei uma palestra no encerramento do mês de Missões na Igreja da cidade. Parece que vai haver muita gente para assistir. Anunciaram pela Globo. Imagine.

A isso, ela deu de ombros. Jogou a cabeça para o lado da janela e fechou os olhos. Percebi que o papo acabara. Olhei para o lado direito e vi o cidadão ao meu lado sorrindo para mim. Era um senhor simples com a roupa bem amarrotada, barba por fazer e cheirando suor de três ou quatro dias, mas com cara de simpatião. Então fui logo contando tudo de novo para ele sobre a minha viagem para Avaré. Sorrindo ele estava e sorrindo continuou, sem dizer palavra. Papo encerrado.

Percebi que ler não seria uma opção por absoluta falta de espaço. Então decidi pensar no dia seguinte, fantasiando minha performance no púlpito daquela amada igreja. Lembrei da possibilidade da banda estar me aguardando junto com as autoridades, ia ser uma grande curtição. Acho que se passaram mais uns quarenta minutos, enquanto sonhava acordado. O ônibus acabara de fazer uma segunda parada em uma das cidadezinhas de beira da estrada. D. Elisabeth roncava alto, naquele momento. De repente, ouvi um barulho estranho, parecia que o acento da opulenta senhora estava se rompendo. Entretanto, seguiu-se ao barulho o pior odor que já havia inalado em minha vida. Custei a admitir que era mesmo aquilo que estava pensando. Enquanto demorava para processar toda essa informação, outros sons mal cheirosos seguiram-se ao primeiro e cheguei ao limite. Dei um salto levando o antebraço de D. Elisabeth comigo. Ela acordou e de bate pronto gritou:

- O que é isso que o senhor está fazendo?

Não consegui responder e ela emendou:

- Não tem vergonha não? Um pastor ficar peidando desse jeito. Quem vai agüentar ficar nesse ônibus agora, com esse fedor? Porco, sem vergonha!

Fiquei perplexo. Olhei para os outros passageiros, nessa altura acordados e todos estavam abanando as mãos na frente do nariz. D. Elisabeth continuava gritando histérica:

- Sem vergonha! Sem vergonha!

Nessa altura ninguém sabia mais se eu tinha só soltado os gases ou passado a mão nela, sei lá a onde. Tratei de não olhar para mais ninguém, exceto para o cavalheiro cheiroso da minha direita, pois ele estava falando com alguém ao celular e tive a impressão de ouvi-lo pronunciar a palavra pastor umas três vezes, pelo menos. Pronto, a notícia já havia vazado para fora do ônibus.

Claro que não senti mais do lado da D. Eloá. Fiquei em pé, mas do lado da mesma poltrona, pois não havia como ir para frente onde estava o do vinho e nem para trás, porque todos haviam cruzado as pernas para o meio do corredor e era impossível passar. D. Elefanta dormiu de novo e o processo anterior continuou acontecendo. Vira e mexe eu via os caras abanando a mãozinha e olhando em minha direção. Felizmente, em uma das paradas seguintes, um casal que estava sentado lá atrás, desceu. Mais que depressa tomei posse do lugar. A partir daí a viagem seguiu mais ou menos calma. Recuperei a visão da paisagem ridícula daquelas paragens, através da janela que tomei o cuidado de abrir completamente, o espaço ficou adequado e pude sacar meu livro. Só as mãos abanando continuaram a me incomodar, além do cheiro que inundara o coletivo inteiro e do calor infernal, apesar do vento recém adquirido em meu novo lugar.

Naquela hora bem que pensei coisas do tipo: o Caio, na época boa, não aceitava ir se não fosse de jatinho. Garanto que a turma do Tonicodemus, o Fed e o Gordim não embarcariam numa geringonça dessas, de jeito nenhum. Isso é o que dá querer bancar o humilde. Se não nos valorizamos, essa será a nossa paga. Aquela cambada de avarentos, não é a toa que são de Avaré. Espero que, esse idiota que estava fazendo ligações com o celular, não conheça ninguém lá da igreja de Avaré. Essa notícia cairia feito uma bomba, lá. Depois do estrago feito, seria muito difícil consertar as coisas. Bom, Deus não permitiria que algo assim acontecesse com o grande servo dele, certamente. Manterei a minha fé inabalável. Ai que medo!

Claro que todos os passageiros acabaram percebendo que a flatulenta era a gordona e não eu e que não encostei nela, exceto no antebraço dela ao levantar de sopetão, mas isso não mudaria o meu futuro próximo, como veremos logo a seguir.

Avaré – Sábado à noite – Terceiro Ato

Cheguei a Avaré às 08:10 pm. Fiz questão de dar uma última olhada fulminante na direção da porca da D. Elisabeth, mas ela se fez de difícil e desviou o olhar noutra direção. Notei que o cheiroso e sua acompanhante saíram junto com rotunda. Não havia ninguém naquela Rodoviáriazinha, mixuruca que só. Nem o incompetente do pastor. Muito menos banda e autoridades. Tive que usar meu cartão telefônico para ligar ao cara:

- Alô, quem fala?
- Pastor Wagnor.
- Wagnor, sou eu. Estou aqui na rodoviária.

- Ah, sei. Aí tem os mototaxis. Pega um e mande ele trazer você aqui na Igreja. A diretoria está reunida e eu não tenho como sair daqui agora.

- Está certo, farei isso.

Bela roba, como é que poderia subir na garupa de uma moto com 110 kgs, mais mochila, pasta de trabalho e o pacote do presente da Maire (que a minha mulher recomendou muito para não amassar). Então, peguei um táxi de verdade, mesmo. Fazer o que? O motorista muito bem humorado me levou até lá. Ao descer do carro, o homem me desejou saúde. Não entendi nada. Quando entrei na Igreja o pastor não me recebeu. Um menino sorrindo disse para eu sentar em uma cadeira da nave Igreja e esperar a reunião acabar. Antes de sair, abri todas as janelas. Acabou depois das 09:00 pm. O pastor foi o único a vir me encontrar. Os outros foram, rapidamente embora. Estranhei isso. Gente do interior não estar curiosa para conhecer o grande pregador, estranho, muito estranho. Deve ser insegurança, talvez timidez, pensei.

- Como foi a viagem? Andam dizendo por aí que foi uma grande e cheirosa viagem.

Falou e me olhou com cara de gozador.

- Desculpe, não entendi.

Fiz-me de rogado.

- Deixa para lá. Você deve estar com fome, ou ainda está se sentindo mal? Uma pizza agora, será que faria bem, ou prefere ir até a casa de minha mãe e eu peço para ela preparar uma sopa bem leve?

Continuou a me gozar.

- Olha pastor, eu quero comer pizza.

Falei com firmeza.

- Tudo bem, a barriga é sua.

Fomos à pizzaria rodízio e “delivere” (está assim na placa) da Mama Genoveva, em algum lugar da cidade. Acho que comi uns oito pedaços de pizza no rodízio. Exagerei mesmo. De propósito. O garçom (que também era caixa e ajudava a montar as pizzas) adorou me servir, pois não parava de sorrir enquanto me servia. Estava com raiva e pensei: “Esse cara não sabe com quem está falando” em relação à gozação do pastor. Ah! Também tomei uma Coca Cola de dois litros, sozinho. O gozador de meia tigela não gosta de Coca.

Avaré sábado à noite – Quarto Ato

Durante o jantar, se é que se pode chamar aquilo de jantar, perguntei o motivo da reunião da diretoria:

- Foi bom você tocar nesse assunto. Acontece que a cidade inteira está sabendo da indisposição intestinal que você teve no ônibus e do assédio à Matilde, vindo para cá no

Santa Edwirges. Um dos membros de nossa igreja, o Aquino estava no ônibus e contou para todos os irmãos.

Bem que eu notei uma carinha cheia de sorrisos no motorista de táxi, no garçom da pizzaria e até no menino, lá na igreja. Que vergonha, meu Deus. Como o Senhor permitiu uma coisa dessas? Perguntei ao divino. Foi nessa hora que me veio uma idéia à mente e achei que era a tardia providência de Deus:

- Olha pastor: houve um grande mal entendido por causa daquela anta da D. Elisabeth e desse desavergonhado fofoqueiro do Aquino. Ela soltou os traques e depois colocou a culpa em mim. Não houve assédio algum e nem poderia ter havido. E o lazarento ligou do celular e deu o serviço. Preciso limpar minha barra e você precisa me ajudar.

- Muito difícil. A Matilde, a quem você insiste em chamar de Elisabeth, a mulher gordona que acusou você no ônibus, é a mãe do Rodrigues, nosso principal diácono (o melhor doador da igreja). O Aquino é o irmão do Rodrigues. Na reunião da diretoria ele colocou o cargo à disposição dizendo que se eu não dispensar você de pregar amanhã, ele vai para a Igreja do Evangelho Quadrangular. Infelizmente a Igreja contraiu várias dívidas com a última reforma e a compra de alguns instrumentos musicais e não poderemos abrir mão do dízimo do Rodrigues, de jeito nenhum. Assim só nos resta uma saída, colocar você no primeiro ônibus de volta para Sorocaba. Para nosso azar maior, só haverá um amanhã às 08:00 am. Se houvesse algum hoje, você iria embora agora mesmo.

- Só um detalhe, no Santa Edwirges eu não viajo nunca mais, e outra, a mulher balofa tem cara de Elisabeth e o Aquino com aquele celular ridículo não é chegado a banho.

- Fique tranqüilo, você irá de Casquel, descerá na Castelo Branco, na altura de sua cidade, e pegará o Cometa, do outro lado da pista, em direção a Sorocaba. É Tudo que posso fazer.

- Espera ai. Você está me dizendo que passei todo esse constrangimento por nada?
- Por nada mesmo. Nem a oferta que estava separada para você existe mais. A diretoria decidiu por unanimidade que você é problema meu, pessoal. Eu estou na tanga. A única coisa que poderei fazer será pagar-lhe a passagem de volta. Nem a passagem da vinda poderei reembolsar-lhe, agora. Você precisará esperar uma duas semanas quando mandarei algum dinheiro para cobrir isso.

- E como vai ficar amanhã? Quem pregará em meu lugar?

- Nós temos dois vídeos e escolheremos um deles para colocar no telão.

- Vídeo, de quem?

- Um é do Fed e o outro do Gordim.

- Eu sabia, até aqui no meio desse Deus dará, eu perco minha única oportunidade em dois anos, para fazer uma palestrinha e justo para quem? Maldição! Ainda bem que você não tem nenhum vídeo do Brado ou do Tonicodemus.

- De quem?

- Nada, deixa para lá.

Saímos da pizzaria na moto Honda 125 do pastor, com mochila, maleta e o pacote da Maire. O pastor e a Maire estão divorciados. Tive que trazer o presente de volta para

Sorocaba. Ele me levou ao Hotel do Homero Borracha, um senhor de quase oitenta anos que foi goleiro do Avareense, há cinqüenta anos atrás. Quando fui descer da moto, precisei levantar a perna demais e, adivinhe, escapou umzinho. Se o Pastor ainda tinha alguma dúvida, agora não tem mais nenhuma.

A viagem de volta – Último Ato

Domingo, levantei cedo. Pudera, não consegui dormir. Tive problemas intestinais à noite toda e além de tudo que aconteceu ontem, uma pergunta está me martelando a cabeça: O que eu direi lá em casa? Mentir não vai dar. Chegarei cedo demais e ninguém acreditará. Falar a verdade, e quem acreditará? Melhor preparar o terreno. Liguei para casa, às 7:15 am e ninguém atendeu. Claro, nessa hora quem atenderia? Às 08:05 am meu ônibus deixou aquela rodoviária horrorosa, naquela cidade provinciana com aquela igreja merreca, um pastor frouxo e tudo isso graças ao Bom Deus.

Antes de sentar em meu lugar, tomei todo o cuidado em observar se não tinha nenhuma gordona por perto e, mesmo assim, coloquei todas as minhas coisas no assento ao lado do meu para evitar que alguém que entrasse no meio do caminho sentasse ali. Durante a viagem senti ódio em pensar que o meu grande público estava, naquela altura, ouvindo mensagem do Fed ou sei lá de quem. Essa gente me persegue. Cê viu o post do Fed? Sabe que é, comecei a fazer faculdade e não está dando para comentar no seu, só lá na tigela. Vai lá ao site do Gordim, o post de hoje está espetacular. Carcamanos de uma figa!

Comecei a relembrar tudo, desde o começo, tim tim por tim tim. Não podia dar certo, mesmo. Auto Ônibus Viação Santa Edwirges!!! Nem lugar reservado os caras tem. Viajar quatro horas em um percurso que leva no máximo duas. Sentar com uma jamanta feito a D. Elisabeth e ao lado de um sujismundo igual ao Aquino e seu celular, essa praga dos nossos dias. Pregar em Avaré. Que “decadence”. O Nietzsche tinha razão, como sempre. Negócio com esse tipo de gente é fria, sempre. Da próxima vez que pintar um convite igual, lembrarei da Elisabeth.

Cheguei em casa às 12:00 pm. Apavorado por não saber o que iria dizer ao pessoal. Mas não havia ninguém em casa. Quando entrei, só um recado, no lugar onde costumamos deixar os recados. Dizia assim:

- Fomos almoçar no Buon Gustaio. Tem pizza de ontem na geladeira, é só esquentar no micro-ondas. Na volta eu explico. Não fique bravo.

A letra era da minha esposa. Fiquei muito bravo, mas essa história eu conto outro dia, ou não.

PS: Os personagens dessa ficção são todos fictícios. Qualquer semelhança será mera coincidência.